

No dia 7 de abril de 1858, pelas sete horas da noite, um homem de cerca de cinquenta anos e bem-vestido apresentou-se no estabelecimento da Samaritana, em Paris, e pediu que lhe preparassem um banho. O funcionário que o atendeu, estranhando que após duas horas o cliente não o chamasse, resolveu entrar em sua cabine para ver se ele estava indisposto. Deparou-se então com um horrível espetáculo: o infeliz degolara-se com uma navalha, e todo o seu sangue misturava-se à água da banheira. Não podendo ser apurada a sua identidade, o cadáver foi levado para o necrotério. O espírito desse homem, evocado na Sociedade de Paris seis dias após sua morte, deu as seguintes respostas:

[Evocação.] (...)

2. Onde se encontra o senhor agora? R. Eu não sei... Dizei-me vós onde estou.

3. O senhor está em uma reunião de pessoas que se ocupam de estudos espíritas e lhe são benevolentes. R. Dizei-me se vivo... Eu sufoco no caixão. (...)

5. Que motivo o levou ao suicídio? R. Eu estou morto?... Não... pois habito meu corpo... Não imaginais como sofro... Eu sufoco... Que uma mão piedosa dê cabo à minha vida de uma vez!

Sua alma, embora separada do corpo, ainda se encontra inteiramente mergulhada no que se poderia chamar turbilhão da matéria corporal. As ideias terrenas permanecem ainda vivas, a ponto de não se considerar morto.

6. Por que não deixou indício algum que permitisse ser reconhecido? R. Estou abandonado. Fugi do sofrimento para encontrar a tortura.

7. Tem ainda os mesmos motivos para permanecer incógnito? R. Sim, não enterreis um ferro em brasa na ferida que sangra.

8. Poderia nos dizer seu nome e sua idade, sua profissão ou domicílio? R. Não... de modo algum.

9. Tinha o senhor uma família, esposa ou filhos? R. Estava abandonado, ser algum me amava.

10. Que fez para não ser amado por pessoa alguma? R. Quantos existem como eu... Um homem pode viver abandonado no meio da sua família, quando nenhum coração o ama.

11. No momento que cometeu o suicídio, não sentiu qualquer hesitação? R. Eu desejava ardentemente a morte... Esperava repousar.

12. Como a ideia do futuro não fez com que renunciasse ao projeto? R. Não acreditava mais no futuro, não tinha mais esperança. O futuro é a esperança.

13. Que reflexões fez ao sentir que se lhe extinguia a vida? R. Não refleti, senti... Mas minha vida não se extinguiu... minha alma está ligada ao corpo... Eu sinto os vermes roendo-me.
14. Que sentimento experimentou no momento em que se completou a morte? R. Completou-se a minha morte?
15. Foi doloroso o momento em que se lhe extinguia a vida? R. Menos doloroso do que depois. Apenas o corpo sofreu.
16. [Pergunta ao espírito São Luís:] Que quer o espírito dizer quando menciona que o momento da morte foi menos doloroso que depois? R. O espírito se descarregava de um fardo que o oprimia; ele experimentava a volúpia da dor.
17. Tal estado é sempre consequência do suicídio? R. Sim, o espírito do suicida fica ligado ao corpo até o termo da sua vida. A morte natural é a libertação da vida. O suicídio a rompe por completo.
18. Dar-se-á o mesmo nas mortes acidentais, ainda que involuntárias, mas que abreviam a duração natural da existência? R. Não. O que entendeis por suicídio? O espírito só responde por seus atos.

Essa dúvida com relação à realidade da própria morte é muito comum entre as pessoas falecidas há pouco tempo, e principalmente entre aquelas que, durante sua vida, não elevaram a alma acima da matéria. (...) O mesmo ocorre com o homem que acaba de morrer: para ele a morte seria o aniquilamento do ser, e, tal como o sonâmbulo, ele vê, sente e fala – portanto, não se considera morto, assim alegando até que tenha adquirido a compreensão de seu novo estado. Essa ilusão é sempre mais ou menos penosa, pois jamais é completa e porque gera no espírito uma certa ansiedade. No exemplo apresentado, constitui para o espírito um verdadeiro suplício pela sensação dos vermes a roer-lhe o corpo, assim como por sua duração, que equivale ao tempo de vida que foi abreviado. Esse estado é frequente entre os suicidas, mas não se apresenta sempre em condições idênticas, variando sobretudo em duração e em intensidade, conforme as circunstâncias agravantes ou atenuantes da falta. A sensação dos vermes e da decomposição do corpo não é exclusiva dos suicidas, também é comum entre aqueles que viveram mais da vida material que da vida espiritual. Em princípio, não há falta que não seja punida, mas não há, contudo, uma regra uniforme e absoluta com relação aos meios de punição.

O Céu e o Inferno ^(1ª Edição) - **2ª Parte: Exemplos**
Cap. 5. Suicidas - François-Simon Louvet

A comunicação seguinte foi dada espontaneamente em uma reunião espírita no Havre, no dia 12 de fevereiro de 1863:

Tende piedade de um pobre miserável que sofre há muito tempo de cruéis torturas! Oh! O vazio... o Espaço... estou caindo, socorro!... Meu Deus, tive uma

existência tão miserável!... Era um pobre coitado. Muitas vezes tive fome em meus dias de velhice, foi por isso que comecei a beber, ter vergonha e desgostar de tudo... Quis morrer e atirei-me...

Oh! Meu Deus, que momento!... Por que querer acabar com a vida quando já estava tão próximo do fim? Orai, para que eu não veja mais este vazio debaixo de mim... Eu vou despedaçar-me sobre as pedras... Peço-vos, a vós que conheceis as misérias dos que não pertencem mais a esse mundo. Dirijo-me a vós, ainda que não me conheçais, porque eu sofro tanto... Por que querer provas? Sofro, não será o bastante? Se eu tivesse fome em vez deste sofrimento mais terrível, ainda que invisível para vós, não hesitaríeis em ajudar-me dando-me um pedaço de pão. Peço que oreis por mim... Não posso ficar por mais tempo... Perguntai a qualquer um dos felizardos que estão aqui, e sabereis quem eu fui. Orai por mim.

François-Simon Louvet

O guia do médium transmitiu a seguinte mensagem:

Aquele que acabou de se dirigir a ti, meu filho, é um pobre infeliz que tinha uma prova de miséria na Terra, mas foi vencido pelo desgosto. Faltou-lhe coragem, e o infeliz, em vez de olhar para o alto, como deveria ter feito, entregou-se à embriaguez, descendo aos últimos limites do desespero e pondo fim à sua triste prova ao jogar-se da Torre François I, no dia 22 de julho de 1857. Tende piedade dessa pobre alma, que não é adiantada, mas tem conhecimento suficiente sobre a vida futura para sofrer e desejar uma nova prova. Pedi a Deus que lhe conceda essa graça e tereis feito uma boa ação.

Nas pesquisas realizadas, encontrou-se o seguinte artigo no *Journal du Havre* de 23 de julho de 1857:

Ontem, às quatro horas, os que passeavam pelo cais ficaram dolorosamente comovidos com um horrível acontecimento: um homem atirou-se da torre, vindo a despedaçar-se nas pedras. Era um velho rebocador de barcos conduzido ao suicídio pela embriaguez frequente. Chamava-se François-Victor-Simon Louvet. Seu corpo foi transportado para a casa de uma de suas filhas, na rua da Corderie. Tinha 67 anos.

Após quase seis anos de sua morte, esse homem enxerga-se ainda caindo da torre, despedaçando-se sobre as pedras. Aterroriza-se com o vazio que tem diante de si e teme a queda... e isso há seis anos! Quanto tempo ainda vai durar tal situação? Ele não o sabe, e essa incerteza aumenta-lhe as angústias. Isso não equivale ao Inferno e suas chamas? Quem revelou tais castigos? Foram inventados? Não, pois são os mesmos que os sofrem que os descrevem, como outros descrevem suas alegrias. Muitas vezes fazem-no espontaneamente, sem que se pense neles, o que exclui a hipótese de sermos joguete da própria imaginação. (...)

O Livro dos Espíritos (Trad. de Herculano Pires) - **L.4º. Das esperanças e consolações -**
Cap.I. Das penas e gozos terrenos - VI. Desgosto pela vida. Suicídio

943. De onde vem o desgosto pela vida que se apodera de alguns indivíduos, sem motivos plausíveis? – Efeito da ociosidade, da falta de fé e geralmente da saciedade. Para aqueles que exercem as suas faculdades com um fim útil e segundo as suas aptidões naturais, o trabalho nada tem de árido e a vida se escoia mais rapidamente; suportam as suas vicissitudes com tanto mais paciência e resignação quanto mais agem tendo em vista a felicidade mais sólida e mais durável que os espera. (...)

946. Que pensar do suicida que tem por fim escapar às misérias e às decepções deste mundo? – Pobres Espíritos que não tiveram a coragem de suportar as misérias da existência! Deus ajuda aos que sofrem e não aos que não têm forças nem coragem. As tribulações da vida são provas ou expiações. Felizes os que as suportam sem se queixar, porque serão recompensados! Infelizes, ao contrário, os que esperam uma saída nisso que, na sua impiedade, chamam de sorte ou acaso. A sorte ou acaso, para me servir da sua linguagem, podem de fato favorecê-los por um instante, mas somente para lhes fazer sentir mais tarde, e de maneira mais cruel, o vazio de suas palavras. (...)

957. Quais são, em geral, as consequências do suicídio sobre o estado de Espírito? – As consequências do suicídio são as mais diversas. Não há penalidades fixadas e em todos os casos elas são sempre relativas às causas que o produziram. Mas uma consequência a que o suicida não pode escapar é o desapontamento. De resto, a sorte não é a mesma para todos, dependendo das circunstâncias. Alguns expiam sua falta imediatamente, outros numa nova existência, que será pior que aquela cujo curso interromperam.

A observação mostra, com efeito, que as consequências do suicídio não são sempre as mesmas. Há, porém, as que são comuns a todos os casos de morte violenta, as que decorrem da interrupção brusca da vida. É primeiro a persistência mais prolongada e mais tenaz do laço que liga o Espírito e o corpo, porque esse laço está quase sempre em todo o seu vigor no momento em que foi rompido, enquanto na morte natural se enfraquece gradualmente e em geral até mesmo se desata antes da extinção completa da vida. As consequências desse estado de coisas são a prolongação da perturbação espírita, seguida da ilusão que, durante um tempo mais ou menos longo, faz o Espírito acreditar que ainda se encontra no número dos vivos. A afinidade que persiste entre o Espírito e o corpo produz, em alguns suicidas, uma espécie de repercussão do estado do corpo sobre o Espírito, que assim ressentido, malgrado seu, os efeitos da decomposição, experimentando uma sensação cheia de angústias e horror. Esse estado pode persistir tão longamente quanto tivesse de durar a vida que foi interrompida.

O Evangelho segundo o Espiritismo (Trad. J.Herculano Pires) - **Cap. V. Bem-aventurados os aflitos - O suicídio e a loucura**

14. A calma e a resignação adquiridas na maneira de encarar a vida terrena, e a fé no futuro, dão ao Espírito uma serenidade que é o melhor preservativo da loucura e do suicídio. (...)

17. (...) O espírita tem, portanto, para opor à ideia do suicídio, muitas razões: a certeza de uma vida futura, na qual ele sabe que será tanto mais feliz quanto mais infeliz e mais resignado tiver sido na Terra; a certeza de que, abreviando sua vida, chega a um resultado inteiramente contrário ao que esperava; que foge de um mal para cair noutro ainda pior, mais demorado e mais terrível; que se engana ao pensar que, ao se matar, irá mais depressa para o céu; que o suicídio é um obstáculo à reunião, no outro mundo, com as pessoas de sua afeição, que lá espera encontrar. De tudo isso resulta que o suicídio, só lhe oferecendo decepções, é contrário aos seus próprios interesses.

Não condene as vítimas da loucura e do sofrimento que se retiram do mundo pelas portas do suicídio.

Ninguém lhes viu talvez a luta insana. E não sabes até que ponto sorveram o veneno da angústia na taça de fel!...

Faze silêncio, diante dos que caíram no paroxismo da desesperação e da dor. Na batalha do mundo, quantos despem o manto da carne, roídos no âmago da alma pelas chagas de aflitivas desilusões!... Quantos procuram fugir ao nevoeiro do vale, arrojando-se às trevas do despenhadeiro cruel!...

E, pedindo a paz do Senhor para os que descem à sombra da rendição antes do triunfo, ora também pelos que armam as garras da treva contra si próprios no pelourinho da maldade e da calúnia;

pelos que perturbam o caminho alheio, aniquilando a própria existência;

pelos que rendem culto à perversidade, consumindo-se na ilusão de que destroem o próximo;

pelos que se afogam no charco da viciação;

pelos que se entregam à inércia

e pelos que perseguem e chicoteiam os semelhantes, cavando para si mesmos o túmulo de lodo em que hão-de perecer!

Saibamos utilizar dificuldades na sublimação de nosso futuro.

A Terra é um santuário de regeneração e de esperança para quantos lhe abraçam as lições com ânimo forte, conscientes da misericórdia em que se fundamenta a Divina Justiça.

Dores, aflições, provas e desencantos representam o material educativo do templo em que nos asilamos, à procura de fortaleza moral e de créditos imprescindíveis à continuidade de nossa viagem para Deus.

Não te confies ao cansaço ou ao desalento, na solução dos problemas que te afligem a marcha.

Renova-te na fé viva e no trabalho constante, inspirando-te na excelsitude do sol que te acompanha, cada manhã, prometendo-te, cada noite, o esplendor de um outro dia, que raiará sempre mais belo.

Caminha para diante, regozija-te com o sofrimento que te ajusta as contas e abençoa os obstáculos que te fazem mais experiente e mais nobre!...

E unido à tarefa que o Senhor te confiou, qualquer que ela seja, aprendendo e servindo, amando e lutando na construção do Bem Infinito, encontrarás, mesmo na Terra, o manancial da Vida Abundante que te alimentará o coração na conquista da Vida Imperecível.

Escrínio de luz - Emmanuel - 37. Suicidas